

CONTRIBUIÇÕES DE RANGANATHAN PARA EVIDENCIAÇÃO DO PENSAMENTO DECOLONIAL

RANGANATHAN'S CONTRIBUTIONS TO EVIDENCE THE DECOLONIAL THOUGHT

Marília Winkler de Morais 
Universidade Federal de São Carlos

Luciana de Souza Gracioso 
Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

A decolonialidade é um movimento dedicado à contínua reflexão acerca da realidade cultural, política e social latino-americana. No projeto acadêmico, ela se expressa através da constituição de linhas de pesquisas autênticas do Sul global, garantindo abertura necessária para que transgressões e insurgências possam se manifestar. A fim de melhor compreender este domínio, levantamos as contribuições que as chamadas Categorias Fundamentais de Ranganathan, ampliadas à luz das Categorias Literárias, podem ter enquanto método de raciocínio aplicado às práticas que se dedicam à identificação e sistematização do pensamento decolonial nas produções informacionais latino-americanas. Como resultado, foi elencado um conjunto de descritores que representam o pensamento decolonial para cada uma das Categorias: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço, Tempo e Ponto de Vista. Concluimos que reconhecer e sistematizar os estudos decoloniais é uma forma de garantir-lhes visibilidade, acarretando no fortalecimento e construção de uma identidade decolonial na Ciência da Informação, sobretudo na Organização do Conhecimento.

Palavras-Chave: Decolonialidade. Shiyali Ramamrita Ranganathan. Categorias PMEST.

ABSTRACT

Decoloniality is a movement dedicated to continuous reflection on the Latin American cultural, political and social reality. In the academic project, it expresses itself through the constitution of authentic research lines from the global South, guaranteeing the necessary openness so that transgressions and insurgencies can manifest themselves. In order to better understand this domain, we raised the contributions that the so-called Fundamental Categories of Ranganathan, expanded in the light of Literary Categories, may have as a method of reasoning applied to practices that are dedicated to the identification and systematization of decolonial thought in Latin-American informational productions. As a result, a set of descriptors that represent decolonial thinking was listed for each of the Categories: Personality, Matter, Energy, Space, Time and Point of View. We conclude that recognizing and systematizing decolonial studies is a way of guaranteeing them visibility, leading to the strengthening and construction of a decolonial identity in Information Science, especially in Knowledge Organization.

Keywords: Decoloniality. Shiyali Ramamrita Ranganathan. PMEST Categories.

1 INTRODUÇÃO¹

A decolonialidade é um movimento dedicado à contínua reflexão acerca da realidade cultural, política e social latino-americana. No projeto acadêmico, ela se expressa através da constituição de linhas de pesquisas autênticas do Sul global, garantindo abertura necessária para que transgressões e insurgências possam se manifestar. A fim de melhor compreender este domínio, levantamos as contribuições que as chamadas Categorias Fundamentais de Ranganathan, ampliadas à luz das Categorias Literárias, podem ter enquanto método de raciocínio aplicado às práticas que se dedicam à identificação e sistematização do pensamento decolonial nas produções informacionais latino-americanas. Isso porque partimos do posicionamento de que somente a partir do respeito a pluridiversidade global é que construiremos produtos e serviços informacionais saudáveis para toda coletividade.

Conforme nos diz Sales (2015, 2016) a Organização do Conhecimento (OC) se caracteriza como um tema nuclear da Ciência da Informação (CI) no Brasil, sendo esta a área que se dedica à investigação dos fundamentos científicos e desenvolvimento de técnicas e ferramentas informacionais (MIRANDA, 1999). Nesse interim, frisamos seu compromisso de atender as necessidades dos usuários e acompanhar o desenvolvimento dos novos modelos que influenciam os processos de aquisição do conhecimento. Reconhecemos na OC, portanto, abertura necessária para mais horizontalidade nas ações de sistematização e representação da informação que seus instrumentos sugerem. Assumimos que a OC pode vir a se configurar como um dos principais movimentos que promoverão a construção de um pensamento decolonial na CI.

Neste momento, aclamamos por Shiyali Ramamrita Ranganathan, uma vez que reconhecemos que suas proposições não são representativas a priori das visões ocidentais, assim como seu discurso e estilo de escrita também não o são “[...] marcado, por exemplo, pela conjugação de verso e prosa, de aproximações dedutivas e indutivas para a mesma demonstração, de evocação de elementos sagrados, literários e científicos no mesmo argumento” (SALDANHA, 2016, p. 48). Suas Categorias configuram, assim, potenciais como apoio teórico, metodológico e conceitual, capazes de nos orientar a constituir uma reflexão sobre os limites e alcances da decolonialidade na OC.

A postura do filósofo indiano nos permite um vislumbre de seu repertório sob o prisma da decolonialidade. Isto é, uma vez que prioriza seu *loci* enunciativo, Ranganathan evidencia a importância da conexão entre lugar e pensamento na elaboração de um conhecimento contra-hegemônico. Campos, Gomes e Oliveira (2013) resumizam a proposta de Ranganathan e indicam

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de Mestrado em andamento.

que o pensador apresenta em sua Teoria da Classificação Facetada as Categorias Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST) como um método de raciocínio para explicitar diversos domínios de conhecimento através de classes e conceitos.

Assim, as justificativas para o desenvolvimento desta pesquisa se apoiar na proposta de Ranganathan como base para categorização e análise dos conteúdos decoloniais latino americanos da CI são as de que, ao pensar estas Categorias, o filósofo indiano que também ocupou o lugar da subalternidade nos processos de colonização, conseguiu visualizar uma possibilidade de organização do conhecimento de modo plural. Almejamos, dessa forma, assistir com um movimento que fortaleça a decolonialidade não apenas enquanto constitutivo do campo da CI na América Latina, mas igualmente enquanto plano de ação que contribui na redução de desigualdades e na construção de uma sociedade antirracista emancipada e comprometida com a diversidade.

1.1 Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento da pesquisa, conduziu-se um estudo teórico exploratório baseado na análise bibliográfica sobre decolonialidade. A análise documental da bibliografia seguiu o método de raciocínio das Categorias Personalidade, Matéria, Energia, Espaço, Tempo (PMEST) desenvolvidas por Ranganathan (1967) e ampliadas à luz das Categorias Literárias sugeridas por Costa (2008). Tal adaptação pode nos fornecer um alargamento conceitual e garantir um entendimento mais coerente sobre os movimentos e representações dos fenômenos envoltos na construção dos discursos e das narrativas decoloniais. Assim, foi possível estruturar a rede semântica que compõem essas narrativas, bem como realizar o agrupamento da diversidade terminológica decolonial correspondente a cada uma das Categorias, sintetizando-a em fichas para uma representação mais especializada.

2 SOBRE O PENSAMENTO DECOLONIAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

O conceito de decolonialidade emergiu da necessidade de se reconhecer que, embora a administração colonial dos territórios latino americanos tenha findado no século XIX, existe operante ainda na atualidade um tipo de colonização contínua e velada que atua para além do espaço geográfico, impregnando-se na linguagem e nos imaginários dos povos (MIGNOLO, 2008).

Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) ressaltam que a principal força orientadora dos estudos decoloniais é a contínua reflexão acerca da realidade cultural e política latino-americana que vai além da constituição de linhas de pensamentos, práticas e pesquisas autênticas da América Latina;

a natureza decolonial surge também das práticas de oposição e intervenção desde o momento em que o primeiro sujeito colonial reagiu contra os propósitos imperiais que se iniciaram em 1492.

Assim, conforme aponta Walsh (2005), a decolonialidade se trata de um movimento que se origina logo a partir da existência da modernidade/colonialidade através das ações de resistências contra essas forças de poder, ou seja, é um movimento de lutas e sobrevivência existente há mais de 500 anos. Nesse sentido, cabe agregar ao percurso de construção do pensamento decolonial elementos que o diferencia das movimentações pós-coloniais.

Nesse sentido, cabe agregar ao percurso de construção do pensamento decolonial elementos que o diferencia das movimentações pós-coloniais. Mignolo (2008) sensibiliza para um aspecto importante: a decolonialidade é “planetária”, está nos grupos, nos movimentos sociais apresentando, assim, uma genealogia diferenciada daquela construída para o pensamento pós-colonial. Isso porque, mesmo que “o argumento pós-colonial em toda sua amplitude histórica, temporal, geográfica e disciplinar percebeu a diferença colonial e intercedeu pelo colonizado” (BALLESTRIN, 2013, p. 91), ainda assim se configura um movimento delineado no bojo das discussões sobre a descolonização das colônias africanas e asiáticas depois da Segunda Guerra Mundial (CORONIL, 2008).

Autores referenciais nos estudos decoloniais tem defendido também que a principal característica da temática é a discussão sobre a colonização no âmbito do conhecimento. Quijano (1992) nos explica como essa colonização atua no imaginário dos colonizados:

A repressão recaiu, sobretudo, sobre as formas de conhecer, de produzir conhecimento, de produzir perspectivas, imagens e sistemas de imagens, símbolos, modos de significação; sobre os recursos, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetificada, intelectual ou visual. Seguiu-se a imposição do uso de padrões de expressão próprios dos dominantes, bem como de suas crenças e imagens referentes ao sobrenatural, que serviram não só para impedir a produção cultural dos dominados, mas também como meios muito eficazes de socialização e o controle cultural, quando a repressão imediata deixou de ser constante e sistemática (QUIJANO, 1992, p. 12).

Em outras palavras, podemos dizer que existe ainda no mundo moderno um conjunto de artifícios utilizados para justificar o poder de uns sobre os “outros”. Assim, para além de uma questão territorial, ainda é perseverante uma colonialidade (e não mais colonialismo) e ela atua na esfera do conhecimento, da linguagem, no subjetivo do ser e suas experiências vividas. Mignolo (2002) acrescenta ao debate ao dizer que a colonialidade é, na verdade, uma das faces ocultas e obscuras da modernidade, pois apenas uma é aparente: a retórica do progresso e da salvação.

Castro-Gómez (2005) faz uma retomada na história para descrever como os sistemas de conhecimento não ocidentais são vistos como inimigos do progresso na narrativa moderna de desenvolvimento. Para o autor:

Também se acreditava que traços pessoais como passividade, indisciplina ou indolência, associados, talvez, a defeitos de raça, dependiam de uma "ausência de modernidade" e poderiam ser superados na medida em que o Estado resolvesse problemas estruturais como analfabetismo e pobreza. Nesse sentido, o paradigma moderno de desenvolvimento também foi um paradigma colonial. O conhecimento "outro" precisava ser disciplinado ou excluído (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p.86).

Os caminhos possíveis para contornar essa realidade devem envolver contínuas práticas de análise crítica que garantem o enfrentamento à constante destruição dos domínios e saberes não captados pela cultura ocidental e que culmina com o que Santos (2007) vai chamar de epistemicídio. O epistemicídio é abordado como "a morte de conhecimentos alternativos". Isto é, ao assumirmos um saber científico que não se vale dos conhecimentos populares, indígenas, camponeses, urbanos, por exemplo, estamos assumindo uma "monocultura do saber". Com isso, permite-se a destruição de conhecimentos, de povos e "grupos sociais cujas práticas são construídas nesses conhecimentos alternativos (...). A primeira forma de produção de inexistência, de ausência, é a ignorância" (SANTOS, 2007, p. 29).

Frente a este contexto, estudiosos latino-americanos fundaram o grupo Modernidade/Colonialidade no final da década de 1990, dialogando com os trabalhos que já vinham sendo produzidos a partir de uma perspectiva de resistência no continente. Conforme nos sugere Palermo (2008), a proposta de um pensamento decolonial exige, portanto, "pensar a si mesmo a partir da alteridade, gerando discursos de resistência ao hegemônico e buscando sua identidade para além do sujeito construído pela modernidade" (PALERMO, 2008, p. 220).

E é sob o prisma de uma análise crítica e radical à modernidade que Enrique Dussel, filósofo argentino e expoente da filosofia da libertação sugere um mundo transmoderno como uma multiplicidade de repostas críticas, decoloniais, oriundas do sul global e capazes de resgatar os sujeitos subalternos e excluídos no processo "civilizatório" em favor da igualdade e da diversidade epistêmica.

Vale ressaltar que a abordagem que nos utilizaremos da expressão "subalternos" é aquela para representar a totalidade de sujeitos vítimas de variados processos de colonização. Spivak (2010) caracteriza estes subalternos como pertencentes "(...) às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (SPIVAK, 2010, p.12).

Nesta esteira de discussão, é pertinente abordar sobre as ações colonizantes que se dão no âmbito da produção do conhecimento. Sánchez-Tarragó, Bufrem e Santos (2015) chamam à discussão Enrique Dussel, Edgardo Lander, Walter Mignolo, Anibal Quijano, Santiago Castro-Gómez e Catherine Walsh, autores expoentes do movimento decolonial, para enfatizar a opinião compartilhada de que a produção do conhecimento científico é, ainda, submissa aos artifícios de uma colonização moderna, que vai desde a hegemonia da língua inglesa nas publicações científicas até a utilização de índices bibliométricos como gerador de recompensas científicas.

Paralelo a essa movimentação, encontramos estudos na CI que se aplicam à exposição e investigação desse cenário nos sistemas informacionais, como o desenvolvido por Souza et al. (2020), que se dedica à identificação de palavras oriundas dos dialetos bávaros da Áustria nas ferramentas semânticas de gestão da informação, nos apresentando como a riqueza linguística e cultural dos nativos ainda é sub-representada. Os estudos de Olson (2000, 2001) e Beghtol (2002, 2005) igualmente tem fornecido uma análise vigilante acerca do que consideram como anomalias dos produtos e serviços provenientes da OC quando concatenam esforços na defesa de que as diferenças de religião, sexo, gênero, idade, etnia, entre outras, têm sido limitantes no que cerne às práticas de recuperação da informação.

Tal limitação ocorre, pois, a subjetividade das opiniões e vieses dos organizadores de conhecimento são transferidos para as práticas de análise e representação da informação, assim como para seus produtos (GARCÍA-GUTIÉRREZ; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2014). Nesse sentido e, indo de encontro com o proposto por García Gutiérrez (2013): uma desclassificação como alternativa frente à uma produção e organização do conhecimento que desde do início de suas concepções tem sido orientada por ações colonizantes, entendemos a decolonialidade enquanto potencial para enfrentar esses desafios relacionados à OC.

Nesse contexto, abarcamos as contribuições de Ranganathan para a evidenciação do pensamento decolonial visto que suas categorias PMEST são inclusivas, flexíveis, horizontais e também dinâmicas, parecendo-nos ser, de fato, as que mais respeitariam qualquer orientação para conduzir um trabalho de sistematização desses conteúdos.

3 AS CATEGORIAS FUNDAMENTAIS PMEST

Quando do desafio de assumir o cargo como primeiro bibliotecário na biblioteca da Universidade de Madras, em 1924, Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) se deparou com um universo completamente diferente. O até então professor de matemática dedicou-se a ir para a Inglaterra na

sua formação como bibliotecário, estudando na Escola de Biblioteconomia da *University College* em Londres (SOUZA, 2016).

Acumulando sua vasta experiência no exterior, seu empenho com as pesquisas na área e a marcante presença da cultura indiana em suas produções, Ranganathan dá início à elaboração de uma teoria inovadora voltada para a classificação de assuntos. Assim, a Teoria da Classificação Facetada foi um sistema de classificação elaborado na década de 1930 e publicado em quatro grandes obras, sendo elas: *Five Laws of Library Science*, de 1931; *Colon Classification*, de 1933; *Prolegomena to Library Classification*, de 1937 e *Philosophy of Book Classification*, de 1951 (SABBAG; CASTRO FILHO, 2016).

Na formulação de sua Classificação Facetada, o bibliotecário indiano nos mostra como, a partir da análise de um assunto complexo, é possível fragmentá-lo em suas partes constituintes mais simples, as facetas, até que se esgotem as possíveis divisões.

As facetas se consistem, então, em classes reunidas por um mesmo princípio de divisão, sendo que “dentro de cada faceta os termos que as constituem são suscetíveis a novos agrupamentos, pela aplicação de outras características divisionais, dando origem a subfacetadas” (LIMA, 2002, p. 190). Essa fragmentação é feita com base nas chamadas Categorias Fundamentais, sendo elas Personalidade, Matéria, Energia, Espaço, Tempo - PMEST. Essas categorias podem ser consideradas como “categorias genéricas e, como tais, passíveis de se manifestarem de diversas formas” (COSTA, 2008, p.78). Ademais, Costa (2008) ainda aborda o fato de que as categorias se expressam por meio de conceitos amplos, o que deixa margem para possíveis expansões e adaptações conceituais conforme seu uso.

A categoria Personalidade é de difícil explicação, sendo considerada “inefável”, indescritível. Para identificar uma manifestação como integrante da categoria Personalidade, utiliza-se o método de resíduos. Por exclusão, se uma entidade não cabe em nenhuma das outras quatro categorias anteriores, ela se enquadra na categoria Personalidade (RANGANATHAN, 1967). Vickery (1980) apresenta algumas facetadas que podem exemplificar a categoria Personalidade, como “bibliotecas, números, equações, comprimentos de ondas de irradiação, obras de engenharia, substâncias químicas, organismos e órgãos, adubos, religiões, estilos de arte, línguas, grupos sociais, comunidades.” (VICKERY, 1980, p. 212 apud CAMPOS; GOMES, 2003, p. 161).

A categoria Matéria pode se manifestar de duas formas: como matéria e como propriedade. Ranganathan (1967) utiliza o exemplo de uma mesa para demonstrar a diferença entre as duas manifestações: uma mesa pode ser feita pela matéria madeira. A madeira é um material intrínseco à mesa, mas não é a mesa em si, podendo servir para a composição de várias outras entidades além

de uma mesa. Assim como a matéria, a propriedade de uma mesa ser rígida ou suave não define o que seria uma mesa em si. Assim, podemos considerar que essa categoria pode compreender materiais físicos e propriedades abstratas.

A categoria Espaço compreende continentes, países, cidades, assim como igualmente pode compreender o espaço geográfico da localização de um assunto ou documento. A categoria Energia se relaciona com a ação que ocorre em torno de um assunto, podendo “ser inanimada, animada, conceitual, intelectual e intuitiva entre todos os tipos de entidades” (RANGANATHAN, 1967, p. 400). A categoria Tempo se relaciona com as ideias isoladas de tempo, como dias, meses, anos, etc., bem como o período das estações, o dia e a noite.

Nesse sistema de classificação, os assuntos deixam de ser classificados sob uma perspectiva que parte do geral para o mais particular. Pelo contrário, os assuntos passam a ser classificados do mais específico para o mais geral, pois para garantir a efetiva análise e compreensão de um assunto, o caminho deve ser iniciado pela identificação de suas partes constituintes. Nesse sentido, a Teoria da Classificação Facetada “possibilita suporte na organização do conhecimento, tendo como ponto de partida a modelagem de uma estrutura semântica” (DUARTE, 2010, p. 54).

Concordamos, portanto, que o método de raciocínio das Categorias PMEST nos permitirá elencar as personalidades, as matérias, as energias, os espaços e os tempos que configuram as narrativas decoloniais, garantindo um melhor entendimento acerca de sua dimensão semântica.

Identificamos, ainda, que as Categorias PMEST serão melhor aproveitadas quando adaptadas à luz da Teoria Literária sugerida por Costa (2008). Isso porque as Categorias Literárias nos fornecem a percepção de aspectos conotativos presentes nos discursos e que são essências para melhor nos auxiliarem nas categorizações das expressões decoloniais. O detalhamento destas categorias é apresentado na seção seguinte.

4 CONTRIBUIÇÕES DE RANGANATHAN PRA EVIDENCIAÇÃO DO PENSAMENTO DECOLONIAL

Nesta seção, são apresentadas as facetas do pensamento decolonial. Para tanto, seguiu-se o mesmo percurso de raciocínio empregado por Costa (2008), no qual o foco está no agrupamento da diversidade terminológica correspondente a cada categoria. Para a seleção desta diversidade terminológica, foi realizada a análise de conteúdo das obras referenciais em decolonialidade, abordadas na seção 2 deste artigo, e extraídos os trechos identificados como os mais relevantes para expressar uma das categorias ranganathanianas. Por se tratar de uma pesquisa de conho qualitativo,

Costa (2008) se baseia em Bauer e Gaskell para defender que o tamanho da amostragem não deve ser exagerado, pois muito mais relevante é “(...) considerar o esforço envolvido na coleta de dados e na análise [...]” (BAUER; GASKELL, 2004, p. 59 apud COSTA, 2008, p. 31). Assim, valoriza-se o processo em si sem que ele extrapole a capacidade de assimilá-lo.

Ao se utilizar das categorias PMEST para analisar anunciados extraídos das obras “O sertanejo” e “O gaúcho” de José de Alencar, Costa (2008) pôde elencar um conjunto de palavras relevantes que expressam cada uma das categorias de Ranganathan de forma mais aguda. Isso porque, na literatura, os termos não aparecem apenas em seu sentido literal, denotativo.

Por vezes, as palavras e conceitos estão permeados de sentidos conotativos que são igualmente essenciais para a construção de sentido e demandam análise mais cuidadosa. A seguir, iremos explorar como ficam cada uma das categorias PMEST ampliadas à luz das categorias literárias de Costa (2008) resultante do processo de análise.

4.1 Personalidade

A versão ampliada da Categoria Personalidade compreende o narrador enquanto agente, sujeito da ação, personagens, figuras mitológicas, atores. De caráter onomástico, entende-se como o “Quem”, pessoas, movimentos, etc., que são abordados nos estudos decoloniais. Em seu sentido denotativo, podemos considerar os membros do grupo Modernidade/Colonialidade como um exemplo de personalidades da ação decolonial.

Escobar (2005) define que entende como sujeito outro aquele que está fora da modernidade, sendo que “estar fora” remete a um fora constituído como diferença pelo discurso hegemônico e implica em ações de reivindicar seu direito de viver, de desenvolver sua própria cultura, economia, política, etc.:

[...] o **Outro** como **oprimido**, como **mulher**, como **marcado racialmente**, como **excluído**, como **pobre**, como **natureza**. Com o apelo da exterioridade em que se situa, o Outro torna-se a fonte originária do discurso ético vis-à-vis uma totalidade hegemônica (ESCOBAR, 2005, p. 74, tradução nossa, grifo nosso).

Em seu sentido conotativo, a resposta para a pergunta “Quem” pode se configurar acompanhada de um adjetivo, qualificação, ou alguma outra característica particular que legitime sua personalização enquanto sujeito/ator da ação:

Modelos de desenvolvimento científico, político e econômico são exportados dos países nortecêntricos ao sul global, desconsiderando, dentro dessa lógica, qualquer possibilidade de projetos de emancipação elaborados pelos **sujeitos que habitam a zona do não ser** (FANON, 2008 apud BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p.13, grifo nosso).

De fato, a sensação de que a cultura mundial seria degradada se a diversidade de conhecimentos e visões de mundo fosse perdida é compartilhada **por intelectuais modernos, operadores da cultura, comunidades locais, ativistas políticos, globalizadores contra-hegemônicos e nacionalistas** em todo o planeta (CASTRO-GÔMES; GUARDIOLA-RIVERA, 2002, p. 187).

Assim, temos que esta categoria nos permite elencar as personalidades abordadas nos estudos decoloniais, além dos variados matizes de personalidades que realizam a ação decolonial, conforme sintetizado no quadro 1 ao final desta seção.

4.2 Matéria

A Categoria Matéria se apresenta enquanto objeto de uma ação ou manifestação, item, objeto simbólico que se manifesta materialmente. De caráter conceitual, entende-se como “O Quê” é estudado nos trabalhos decoloniais.

Para obter respostas de sentido denotativo temos que os assuntos predominantes dos estudos decoloniais se assemelham, pois tratam de estudos que abordam pontualmente sobre os efeitos da colonização, sobre o eurocentrismo, sobre a modernidade, sobre os fatores históricos envolvidos no contexto decolonial, entre outros.

Costa (2008) resgata o trabalho de Agustín Lacruz (2006) para demonstrar que as respostas conotativas da questão “O Quê” se relacionam com assuntos que empregam termos que exprimem propriedades abstratas, conforme exemplos a seguir, em que o termo “plurirracial” exprime uma propriedade para o conceito “democracia”. Os outros exemplos seguem este mesmo raciocínio:

[...] é condição para construção de uma democracia plurirracial caracterizada por uma igualdade econômica, social, cultural que permita a coexistência e o diálogo entre diversos grupos raciais (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 15, grifo nosso).

Se o Universalismo abstrato é um tipo de particularismo que se estabelece como hegemônico e se apresenta como desincorporado, o universalismo concreto (...) não esconde seu lugar de enunciação, suas influências corpo-políticas e geopolíticas. (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 15, grifo nosso).

Em 2019, Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser lançam um manifesto para promover um “outro” feminismo, associado aos **ativismos antirracistas, ambientalistas, trabalhistas e em defesa dos imigrantes** (HOLLANDA, 2020, p. 13, grifo nosso).

4.3 Energia

Esta Categoria pode ser entendida enquanto ação entorno de um assunto, função, método, evento, acontecimento, causa e efeito. De caráter conceitual, entende-se como “Como”, de que forma são desenvolvidas as pesquisas decoloniais. A identificação dessa categoria se dá através de expressões linguísticas verbais, uma vez que são as estruturas que indicam o tipo da ação ou intervenção provocada por um sujeito ou personalidade, conforme exemplos denotativos a seguir:

Uma perspectiva desse tipo requer **recuperar** o sentido utópico-transformador da ação. Para que a falta de disciplina da universidade possa atacar a disciplina neoliberal, é preciso **reivindicar** a possibilidade de conhecimento para a **emancipação** (WALSH, 2005, p. 237, tradução nossa, grifo nosso).

Se a interculturalidade não é um fato verificável, mas um processo em construção por meio de práticas e ações concretas (...) a interculturalidade pode ser entendida mais como um verbo do que como um substantivo. **Interculturalizar** a razão e as palavras é o caminho que eu gostaria de trilhar (...) como modo de vida a partir do confronto, da crítica, do aprendizado e da crise (GARCÊS, 2005, p. 163, tradução nossa, grifo nosso).

A decolonialidade configura-se enquanto energia, visto que é abordada como projeto de intervenção às forças coloniais, isto é, o conceito de decolonialidade em si demanda por uma atitude para que todo um desencadeamento de ações congruentes possa emergir:

[...] diversas ações, eventos de resistência política e epistêmica que nomeamos, ao lado de muitos outros, como **decolonialidade, giro decolonial ou projeto decolonial** (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 9, grifo nosso).

Focando na questão sobre como se dá algo, como ocorre uma sequência de acontecimentos com determinadas pessoas ou personagens decorridos de uma ação, os eventos temáticos e sociais também podem configurar essa Categoria:

A **Marcha [das Mulheres Negras]** pode ser lida como a afirmação da uma identidade negra, em que mulheres com trajes multicoloridos, tranças e turbantes ocuparam os espaços públicos do país (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 21, grifo nosso).

Os exemplos conotativos são elencados a seguir:

[...] Lélia propõe a categoria **amefricanidade**, incorporando um longo processo histórico afrocentrado. Segundo ela, o valor metodológico da amefricanidade está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determina parte do mundo (HOLLANDA, 2020, p. 14, grifo nosso).

[o feminismo decolonial] investe em **contraepistemologias** situadas para enfrentar o império cognitivo europeu e norte-americano (HOLLANDA, 2020, p. 14, grifo nosso).

A noção de "bem viver" igualmente se estabelece enquanto Energia de forma conotativa. "Bem viver", tradução de *Sumak Kawsay* em língua Kichwa, promove princípios de ordem social e econômica consagrando os direitos da natureza. O bem viver foi incorporado na Constituição de 2008 do Equador, no artigo 275 que define este conceito como ação que "exigirá que indivíduos, comunidades, povos e nacionalidades gozem efetivamente de seus direitos e exerçam responsabilidades no âmbito da interculturalidade, do respeito às suas diversidades e da convivência harmoniosa com a natureza" (ECUADOR, 2008 apud SANTOS, 2010, p. 82).

4.4 Espaço

A Categoria Espaço pode ser entendida enquanto lugares históricos e contemporâneos, regiões geográficas e localização de documentos. De caráter topográfico, entende-se como "Onde" situam-se as contribuições decoloniais. Assim, pensando no sentido denotativo de um espaço físico que responda à pergunta "Onde (ocorre a ação decolonial)?", temos a América Latina como palco do grupo Modernidade/Colonialidade e ponto de partida do pensamento decolonial no continente, conforme já abordado previamente.

Pensando a partir de uma perspectiva conotativa, temos os exemplos que seguem:

Waman Puma e Ottabah Cugoano abriram um **espaço-outro**, o espaço do pensamento descolonial, na diversidade de experiências a que os seres humanos foram forçados pelas invasões europeias (MIGNOLO, 2008, p. 258, tradução nossa, grifo nosso).

É o movimento rumo à coalizão que nos impulsiona a conhecer uma à outra como entes que são densos, relacionais, em socialidades alternativas e alicerçadas nos **lugares tensos e criativos** da diferença colonial (LUGONES, 2014, p. 942).

Abya Yala é outro conceito igualmente presente nos estudos decoloniais para exemplificar a movimentação que alguns povos indígenas tem realizado ao se voltar ao território que hoje conhecemos e chamamos de América Latina.

[...] organizações indígenas começaram nos últimos anos a se referir à região como **Abya Yala** (...) Essa recategorização do nome tem um duplo sentido: como posição política e como lugar de enunciação, ou seja, como forma de enfrentar o peso colonial presente na "América Latina" entendida como projeto de ocidentalização (MUYULEMA, 2001 apud WALSH, 2012, p. 31-32).

Consoante com o conceito de lugar de enunciação, está o conceito de corpo-geopolítica do conhecimento: “Este livro é escrito a partir de um e para uma localização **corpo-geopolítica** específica.” (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 18, grifo nosso). Este exemplo sinaliza a importância dos atores decoloniais afirmarem um lugar de enunciação, isto é, anunciarem suas localizações nas estruturas do poder quando da produção do conhecimento.

4.5 Tempo

Tempo se configura enquanto o momento da ação, ocorrências históricas, tempo psicológico e metafísico. De caráter topográfico, entende-se como o “Quando”, os momentos que são abordados nos estudos decoloniais. Os momentos que retratam o pensamento decolonial tem em comum o ponto de partida da colonização das Américas, que marca o nascimento do sistema-mundo durante o período do final do século XV e início do XVI. (DUSSEL, 2004; GROSGOUEL, 2008; QUIJANO, 2002). Mais precisamente, o ano de 1492 é abordado como marco da expansão colonial europeia e se relaciona com o início do sistema-mundo e da consequente ideia de modernidade:

Propomos uma segunda visão da Modernidade, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental do mundo moderno o fato de ser (...) centro da História Mundial. Ou seja, empiricamente nunca houve História Mundial até **1492** (como data de início da operação do Sistema-mundo) (LANDER, 2005, p. 27).

Como descritores de tempos conotativos, temos os seguintes exemplos:

Falar de transmodernidade exigiria uma nova interpretação de todo o fenômeno da modernidade, para poder contar com elementos que nunca foram incorporados à modernidade europeia (...). Aceitar essa externalidade massiva à modernidade europeia nos permitirá compreender que há **momentos culturais** situados fora dessa modernidade (DUSSEL, 2004, p. 205).

[a eleição de Evo Morales] é uma virada que desafia o longo horizonte do colonialismo de que fala Silvia Rivera Cusicanqui (1993), apelando para um *nayrapacha*, um passado capaz de renovar o futuro (WALSH, 2012, p.31, tradução nossa, grifo nosso).

[...] bell hooks argumentará não no sentido de reestabelecer o dualismo, mas sim de favorecer o pensamento a partir das “experiências vividas” e da **historicidade** das mulheres negras (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 13-14, grifo nosso).

Neste último exemplo, historicidade aparece relacionado com a trajetória históricas das mulheres negras e se conecta neste contexto com as experiências que decorrerem ao longo do tempo de suas vidas.

4.6 Ponto de Vista

Acrescenta-se a Categoria “Ponto de vista” enquanto categoria que nos permite formular explicações como o “Por quê”, a justificativa que caracteriza os estudos decoloniais. (Costa, 2008, p. 101). Isto é, esta categoria relaciona-se estreitamente com o sentido conotativo que influenciam no resultado da ação, ou seja, na argumentação utilizada ao longo da obra. A pergunta que cabe aqui é “Por quê?” e, aplicada ao contexto dos estudos decoloniais, podemos entender essa categoria como a responsável por abarcar as justificativas dos estudos decoloniais.

Podemos verificar, a partir do levantamento bibliográfico que foi realizado, que as justificativas comumente abordadas em estudos decoloniais englobam: a necessidade de repensar as historiografias epistemológicas nos estudos de organização dos saberes; a necessidade de criação de uma perspectiva crítica capaz de transcender as dicotomias delineadas pela modernidade; a necessidade de se discutir a subalternização de Saberes no discurso do desenvolvimento; a necessidade de uma pedagogia decolonial que se fortalece com as contribuições pedagógicas, políticas, epistemológicas e sociológicas da educação popular, entre outros elementos sintetizados no quadro a seguir.

Quadro 1 - Descritores do pensamento decolonial

CATEGORIA DE ANÁLISE	DESCRITORES	
	Denotativo	Conotativo
<p><i>PERSONALIDADE</i></p> <p><i>Sujeitos da ação</i> <i>Onomástico</i></p> <p><i>Quem?</i> <i>(COSTA, 2008)</i></p>	<p>Aníbal Quijano. Walter Mignolo. Enrique Dussel. Santiago Castro-Gómez. Ramón Grosfoguel. Arturo Escobar. Edgardo Lander. Nelson Maldonado Torres. Catherine Walsh. Fernando Coronil. Agustín Lao-Montes. Immanuel Wallerstein. Boaventura Santos. Zulma Palermo.</p> <p>Outro. Oprimido. Mulher. Excluído. Pobre. Natureza.</p>	<p>Marcado Racialmente. Sujeitos que habitam a zona do não ser. Intelectuais modernos. Operadores da cultura. Comunidades locais. Ativistas políticos. Globalizadores contra-hegemônicos.</p>
<p><i>MATÉRIA</i></p> <p><i>Objeto da ação</i> <i>Conceitual</i></p> <p><i>O Quê?</i> <i>(COSTA, 2008)</i></p>	<p>Colonização. Eurocentrismo. Modernidade.</p>	<p>Democracia plurirracial. Universalismo concreto. Ativismos antirracistas, ambientalistas, trabalhistas e em defesa dos imigrantes.</p>

CATEGORIA DE ANÁLISE	DESCRITORES	
	Denotativo	Conotativo
<p><i>ENERGIA</i></p> <p><i>Ação, Método</i></p> <p><i>Evento</i></p> <p><i>Como?</i></p> <p>(COSTA, 2008)</p>	<p>Recuperar. Reivindicar. Emancipar.</p> <p>Interculturalizar.</p> <p>Decolonialidade. Giro decolonial.</p> <p>Projeto decolonial. Marcha das Mulheres Negras.</p>	<p>Amefricanidade.</p> <p>Contraepistemologias. Bem viver.</p>
<p><i>ESPAÇO</i></p> <p><i>Ambiência</i></p> <p><i>Topográfico</i></p> <p><i>Onde?</i></p> <p>(COSTA, 2008)</p>	<p>América Latina.</p> <p>Brasil. Argentina. Bolívia. Chile.</p> <p>Colômbia. Equador. Guiana, Paraguai. Peru. Uruguai. Venezuela.</p> <p>Haiti. Nicarágua. Cuba. Caribe.</p>	<p>Espaço-outra. Lugares tensos e criativos.</p> <p>Abya Yala. Corpo-geopolítica.</p>
<p><i>TEMPO</i></p> <p><i>Topográfico</i></p> <p><i>Quando?</i></p> <p>(COSTA, 2008)</p>	<p>Século XV. Século XVI. 1492.</p>	<p>Momentos culturais. Historicidade.</p> <p>Nayrapacha.</p>
<p><i>PONTO DE VISTA</i></p> <p><i>Temático não referencial</i></p> <p><i>Por quê?</i></p> <p>(COSTA, 2008)</p>		<p>Necessidade de reconsiderar as historiografias epistemológicas.</p> <p>Estímulo da perspectiva crítica.</p> <p>Transcendência de dicotomias.</p> <p>Discussão acerca da subalternização de Saberes.</p> <p>Promoção de práticas pedagógicas decoloniais.</p> <p>Criação de uma corrente epistemológica étnico-racial.</p> <p>Aprofundamento de práticas e saberes representacionistas/ pragmatistas.</p>

Fonte: Elaboração própria, 2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A OC sempre buscou, da antiguidade aos tempos atuais, as bases teóricas e conceituais para decidir os caminhos a serem adotados em sua *práxis* (BOCCATO, 2011). Assim, desenvolveram-se

procedimentos de sistematização e representação do conhecimento que revelam a ação de registrar a informação como uma garantia de sua reprodução que facilita a geração de novos conhecimentos. Nesse interim, os possíveis caminhos para o fortalecimento de uma produção epistemologicamente emancipada para a CI se cruzam no entendimento de que os sistemas de organização do conhecimento devem partir de planos multidimensionais, de forma que consigam conciliar as transposições geográficas e culturais de acesso e produção de saberes, sem perder de vista suas funções principais (ZHANG, 2008). Sendo a decolonialidade uma perspectiva que permite à ciência, como um todo, cumprir com seus compromissos éticos e sociais, ela igualmente alimenta posturas pluriculturais e integradoras que garantem a geração de produtos e serviços que sejam construídos a partir de uma base horizontal.

Portanto, o levantamento apresentado neste artigo permitiu revelar a importância desta temática sob o prisma de uma rede semântica decolonial que se desloca dos habituais sentidos denotativos através das categorias PMEST. Ranganathan nos proporcionou uma nova leitura das narrativas produzidas pela humanidade ao visualizar uma possibilidade de organização do conhecimento de modo aberto e plural. O que se verifica é que o bibliotecário indiano conscientemente se apropria de sua cultura, dos elementos sagrados, das escrituras, das divindades e utiliza essa bagagem na elaboração de seus conhecimentos.

Sua cultura não apenas influencia suas produções, como também as modelam por completo, haja vista que o “léxico ranganathaniano é povoado por alusões ao misticismo védico e ao hinduísmo (SALDANHA, 2012, p. 165). Certamente suas ações posicionariam Ranganathan como expoente pós-colonial não fosse o desencontro cronológico². Tal prioridade em demarcar sua identidade cultural, alinha as ações de Ranganathan com o defendido pelos autores Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016): a defesa de que considerar os locais enunciativos para além de um espaço físico é considerar o histórico de hierarquias raciais, de gênero, sexuais, etc.

Reconhecer e sistematizar estes estudos é uma forma de garantir-lhes visibilidade, acarretando no fortalecimento e construção de uma identidade local e global do campo. Adaptar as categorias de Ranganathan ao contexto da decolonialidade não se trata, portanto, apenas de reconhecer as facetas deste assunto, mas igualmente de viabilizar um questionamento acerca das estruturas, códigos e sistemas de representações. Trata-se de reconhecer a urgência de uma configuração epistemológica

² Embora já circulassem as obras do tunisiano Albert Memmi (Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador, 1947), e dos martinicanos Aimé Césaire (Discursos sobre o colonialismo, 1950) e Franz Fanon (Os condenados da terra, 1968) foi a obra do palestino Edward Said “Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente” de 1978 que consolidou o movimento pós-colonial. Ranganathan faleceu em 1972, seis anos antes desse marco.

da CI que evidencie a importância da contribuição latino-americana e que não se contente em reproduzir o modus operandi da opressão e da subalternidade.

AGRADECIMENTOS: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago. 2013.
- BEGHTOL, Clare. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation*, London, n. 5, v. 58, p. 507-532, 2002.
- BEGHTOL, Clare. Ethical Decision-Making for Knowledge Representation and Organization Systems for Global Use. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, [s.l.] v. 9, n. 56, p. 903-912, 2005.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, jan.-abr. 2016.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Os sistemas de organização do conhecimento, nas perspectivas atuais das normas internacionais de construção. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 165-192, 2011.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Organização de domínios de conhecimento e os princípios ranganathianos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 150-163, jul./dez. 2003.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha.; OLIVEIRA, Laura de Lira e. As Categorias de Ranganathan na organização dos conteúdos de um portal científico. *DataGramaZero - Revista de Informação*, v. 14, n. 3, 2013.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La poscolonialidad explicada a los niños*. Popayán, Colombia: Editorial Universidad del Cauca, Universidad Javeriana. 2005.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GUARDIOLA-RIVERA, Oscar. Globalización, universidad y conocimientos subalternos: desafíos para la supervivencia cultural. *Nomadas*, Bogotá, v. 16, p. 183-191, 2002.
- CORONIL, Fernando. Elephants in the Americas? Latin American pós-colonial studies and global decolonization. In: MORAÑA, Mabel; DUSSEL, Enrique; JÁUREGUI, Carlos. (Org.). *Coloniality at large: latin american and postcolonial debate*. Duke University Press, Durhan NC, p. 396-416. 2008.
- COSTA, Luzia Sigoli. Fernandes. *Uma contribuição da teoria literária para a análise de conteúdo de imagens publicitárias do fim do século XIX e primeira metade do século XX, contemplando aspectos da natureza brasileira*. 2008. 261 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- DUARTE, Elizabeth Andrade. Classificação facetada: um olhar sobre a construção de estruturas semânticas. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.7, n. 2, p. 46-58, jan./jun. 2010.

- ESCOBAR, Arturo. *Mas allá del Tercer Mundo: globalización y diferencia*. Bogotá: ICANH, 2005.
- GARCÊS, Fernando. Las políticas del conocimiento y la colonialidad lingüística y epistémica. In.: WALSH, C. (Ed.). *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2005.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. La organización del conocimiento desde la perspectiva poscolonial: itinerarios de la paraconsistencia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.18, n.4, p.93-111, out.-dez. 2013.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Critical Organization of Knowledge in Mass Media Information Systems. *Knowledge Organization*, [s.l.], v. 41, n. 3, p. 205-216, jan. 2014.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 321-341.
- LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas* (org.). Colección Sur Sur, Argentina: CLACSO, 2005.
- LIMA, Gercina Angela Borém de Oliveira. A análise facetada na modelagem conceitual de sistemas de hipertexto: uma revisão de literatura. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 189-196, jul/dez. 2002.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 22, v.3, p. 935-952, set./dez.2014.
- MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: algumas questões epistemológicas. *Informare: cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 64-77, 1999.
- MIGNOLO, Walter. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 8, p. 243-281, jan.-jun. 2008.
- OLSON, Hope. Difference, Culture and Change: The Untapped Potential of LCSH. *Cataloging & Classification Quarterly*, [s.l.], n. 29, v.1-2, p. 53-71, 2000.
- OLSON, Hope. The Power to Name: Representation in Library Catalogs. *Signs*, Chicago, v. 26, n. 3, p. 639-668, 2001.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, Lima, v. 13, n. 29, 1992.
- PALERMO, Zulma. Revisando fragmentos del «archivo» conceptual latinoamericano a fines del siglo XX. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 217-246, 2008.
- RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. *Prolegomena to Library Classification*. 3 ed. Asia Publishing House, 1967.
- SABBAG, Deise Maria Antonio; CASTRO FILHO, Claudio Marconde de. Um clássico sólido para um mundo líquido. In: LUCAS, E. R. de O.; CORRÊS, E. C. D.; EGGERT-STEINDEL, G. *As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios*. São Paulo: FEBAB, 2016.
- SALES, Rodrigo de. O diálogo entre a organização do conhecimento e a Ciência da Informação na comunidade científica da ISKO-Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, Paraíba. *Anais [...]* João Pessoa, PB: UFPB, 2015, p. 1-21. 2015.
- SALES, Rodrigo de. Knowledge Organization in the Brazilian Scientific Community and Its Epistemological Intersection with Information Science. In: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; MILANI, Suellen Oliveira; DODOBEI, VERA (Org.). *Knowledge Organization for a Sustainable World: Challenges and Perspectives for*

Cultural, Scientific, and Technological Sharing in a Connected Society. Ergon-Verlag, Würzburg, v. 15, p. 67-74, 2016.

SALDANHA, Gustavo Silva. Vastu-tantra: sobre a pragmática transcendental em Ranganathan. In: LUCAS, E. R. de O., CORRÊA, E. C. D., & Eggert-Steindel, G. *As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios*. FEBAB, São Paulo, 222 p. 2016.

SALDANHA, Gustavo Silva. *Uma filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas*. 2012. 439 f. Tese (Doutorado) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; BUFREM, Leilah Santiago; SANTOS, R. N. M. La producción científica latino-americana desde una mirada poscolonial. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, Paraíba. *Anais [...]* João Pessoa, PB: UFPB, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 79, 2007.

SOUSA, Renato Rocha *et al.* Identification of Indigenous Knowledge Concepts through Semantic Networks, Spelling Tools and Word Embeddings. In: 12th CONFERENCE ON LANGUAGE RESOURCES AND EVALUATION, 12., 2020, Marseille. *Anais [...]* ELRA: Marseille, 2020. p. 943-947.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y (de) colonialidad: ensayos desde Abya Yala*. Quito: Ediciones Abya Yala, 2012.

WALSH, Catherine (ed.). *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas*. Quito: Editorial Universidad Andina Simón Bolívar, 2005.

ZHANG, Jin. *Visualization for information retrieval*. Berlin: Springer. 2008.

